

Lendas do Alto Minho

Lendas Adaptadas: Isabel Castro | Ilustrações: Carlos Basto



Lendas do Alto Minho

Lendas Adaptadas: Isabel Castro | Ilustrações: Carlos Basto



Ficha técnica da versão Adaptada:

Título: Lendas do Alto Minho

Coordenação e Edição: Comunidade Intermunicipal do Alto Minho (CIM Alto Minho)

Propriedade: Comunidade Intermunicipal do Alto Minho (CIM Alto Minho)

Seleção: Municípios do Alto Minho

Ilustrações: Carlos Basto Adaptação Isabel Castro

Ano: 2015

Tiragem: 1500

Design Gráfico e paginação: Fernanda Inês (ESECS/CRID®/Politécnico de Leiria)

Revisão Braille: José Neves

Coordenação do projeto inclusivo: Célia Sousa (ESECS/CRID®/CICS.NOVA.IPLeia/Politécnico de Leiria)

CICS.NOVA.IPLeia/Politécnico de Leiria)

Adaptação do texto para escrita fácil: Célia Sousa (ESECS-CRID® /Centro

Interdisciplinar de Ciências Sociais polo do IPLeia/CICS.NOVA.IPLeia/Politécnico de Leiria)

Revisão do texto em escrita fácil: Gracinda Mateus (ESECS/Politécnico de Leiria)

Tradução e adaptação para pictogramas (SPC): Célia Sousa e Fernanda Inês (ESECS/CRID®/Politécnico de Leiria)

Edição e impressão em braille: Célia Sousa e Fernanda Inês (ESECS/CRID®/Politécnico de Leiria)

Interpretação em Língua Gestual Portuguesa: Sandra Faria

Gravação de vídeo e edição de vídeo e áudio: Catarina Varanda (ESECS/CRM/Politécnico de Leiria)

Voz e gravação de áudio: Célia Sousa (ESECS/CRID®/Politécnico de Leiria)

Audiodescrição: Desirée Nobre Salasar - PPGMP/ UFPel - ESECS/CRID®/Politécnico de Leiria - ULHT

Consultoria de Audiodescrição: Paulo Reis Simões

Laboratórios de Comunicação: ESECS: Marta Oliveira (ESECS/Politécnico de Leiria)

Impressão e encadernação: Grafica da Batalha, Lda

Editor: Escola Superior de Educação e Ciências Sociais, Politécnico de Leiria

ISBN (Livro Impresso): 978-989-99067-5-4

Exemplares: 200 exemplares

Communication Symbols, 1981-2002,

Mayer-Johnson, Inc.

All rights reserved. Used with permission.

Mayer-Johnson, Inc.

PO Box 1579

Solana Beach, CA 92075 USA

Ph: 858-550-0084

Fax: 858-550-0449

www.mayer-johnson.com

mayerj@johnson.com

1ª Edição Adaptada: Junho 2023

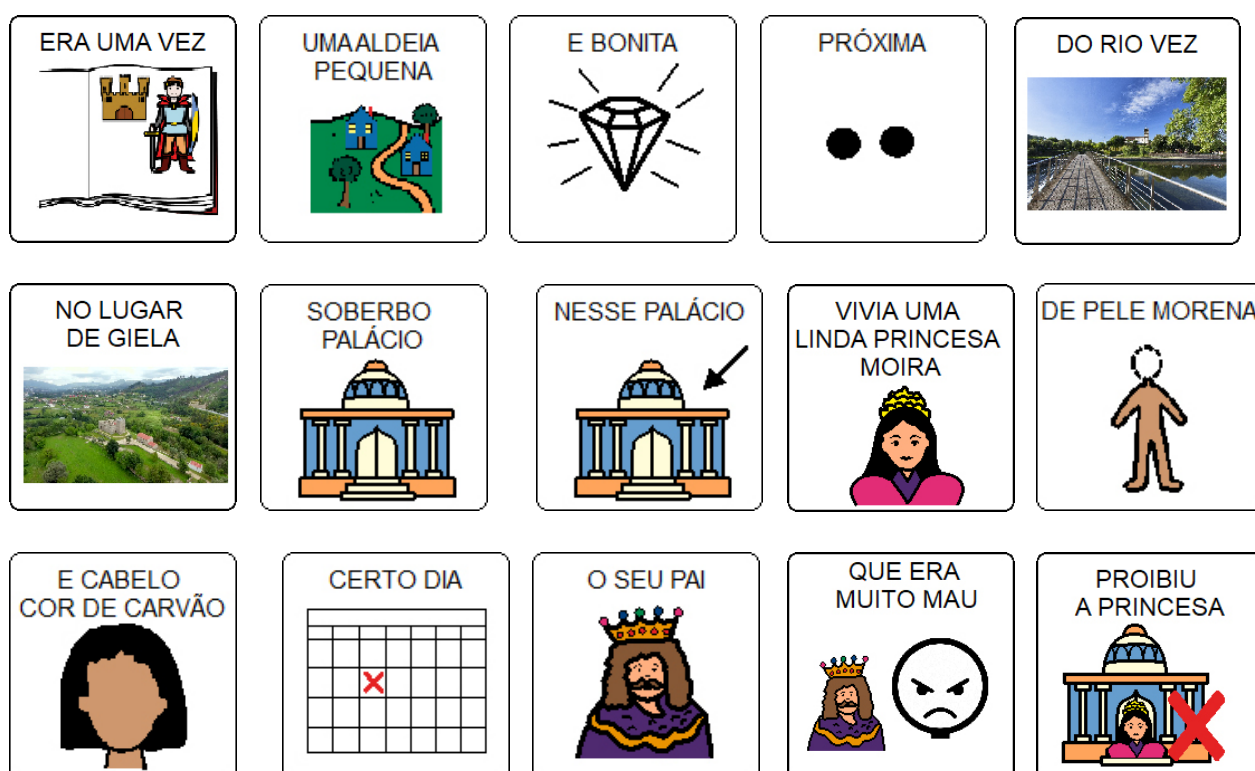
Depósito Legal:

ÍNDICE

MOIRA ENCANTADA - ARCOS DE VALDEVEZ	5
SERRA D'ARGA - CAMINHA	14
INÊS NEGRA - MELGAÇO	24
D. MARIANA DE LENCASTRE - MONÇÃO	36
OS COMBATENTES DA TRAVANCA - PAREDES DE COURA	45
A PEGADINHA DA SENHORA - PONTE DA BARCA	53
RIO LIMA - PONTE DE LIMA	61
A PORTA DO SOL - VALENÇA	69
VIANA - VIANA DO CASTELO	79
CERVO REI - VILA NOVA DE CERVEIRA	89



MOIRA ENCANTADA DE GIELA
ARCOS DE VALDEVEZ



Era uma vez uma aldeia pequena e bonita, perto do rio Vez.

No lugar de Giela existia um grande palácio.

Nesse palácio, vivia uma linda princesa moira, de pele morena e cabelos da cor do carvão.

Certo dia, o seu pai, que era muito mau, proibiu a princesa



de sair do castelo e de se encontrar com os rapazes da terra.

– A minha filha não é para qualquer rapaz. Ela vai casar-se com um príncipe, dono de uma grande fortuna e de muitas terras!

A decisão do pai deixou a princesa muito triste.

A princesa passava o dia sozinha.



Todos os dias espreitava pela janela da torre alta do castelo, e chorava.

– Quem me dera sair, passear pelo campo, falar com os meus amigos... – dizia a princesa.

A princesa, todos os dias pensava num plano para sair do palácio.

A princesa pensou, pensou, até que um dia

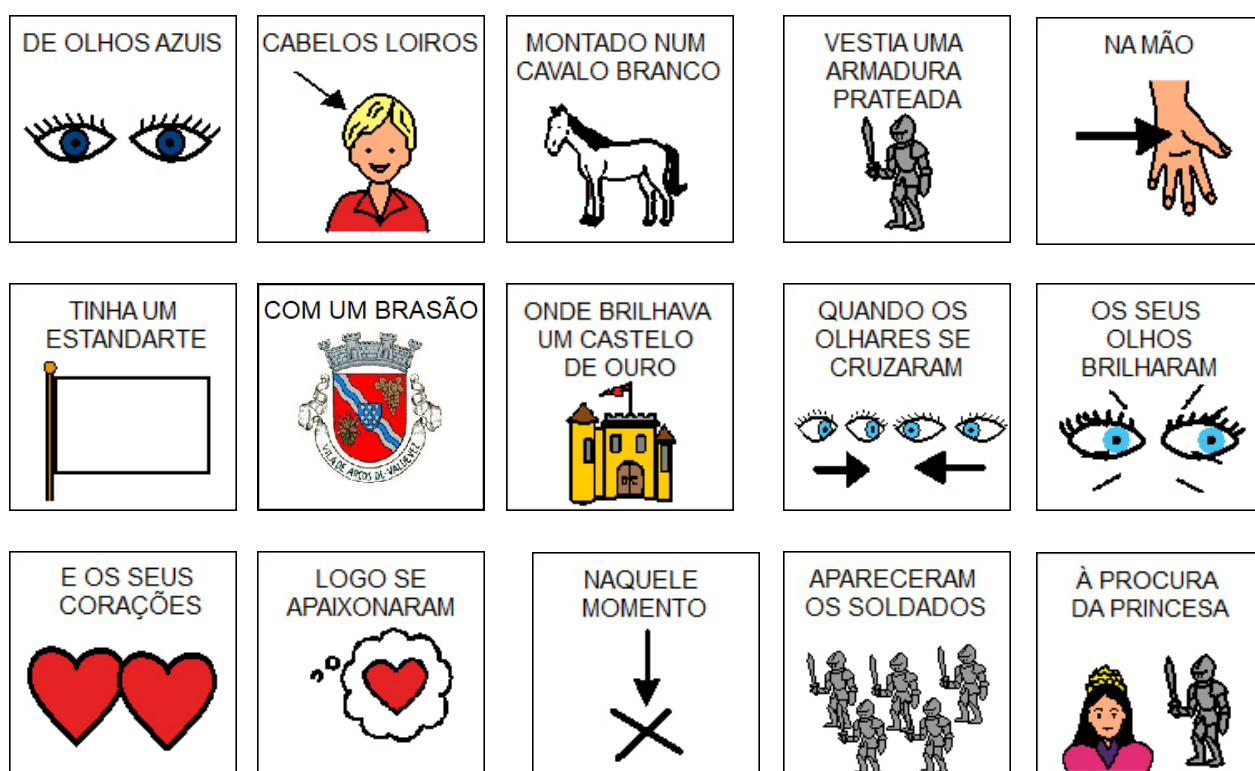


convenceu os criados a darem-lhe um cavalo e saiu a cavalgar pelos jardins do castelo.

Foi até às margens do rio Vez, desceu do cavalo, descalçou-se e refrescou a cara e os pés na água limpa e transparente do rio.

Ouviu um barulho.

Assustada, levantou-se, e avistou do outro lado da margem do rio um jovem cavaleiro,



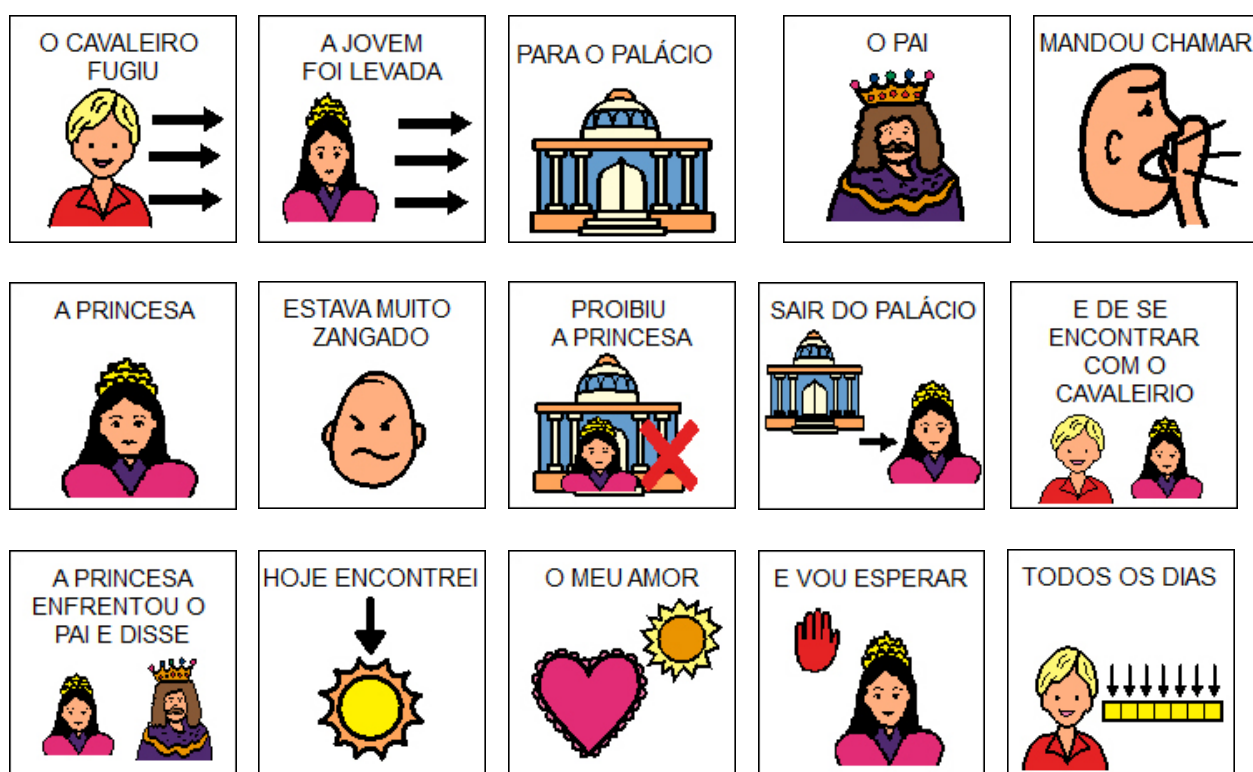
de olhos azuis e cabelos loiros, montado num cavalo branco.

Vestia uma armadura prateada e na mão tinha um estandarte com um brasão, onde brilhava um castelo de ouro.

Quando os seus olhares se cruzaram, os seus olhos brilharam como nunca e os seus corações logo se apaixonaram.

Naquele momento, apareceram os soldados à procura da princesa.





O cavaleiro fugiu e a jovem foi levada para o palácio.

O pai mandou chamar a princesa.

Estava muito zangado e proibiu a princesa de sair do palácio e de se encontrar com o cavaleiro.

A princesa enfrentou o pai e disse: - hoje, encontrei o meu amor! E vou esperar por ele todos os dias



da minha vida!

O pai ficou bastante admirado com a coragem da sua filha.

Deu ordens aos criados para deixarem sair a princesa do palácio.

Todos os dias, à mesma hora, a princesa descia até ao rio na esperança de encontrar o seu cavaleiro.

O cavaleiro nunca mais apareceu.

E a princesa, fiel ao seu amor, nunca casou.



SERRA D'ARGA
CAMINHA



Era uma vez um rei forte e duro que tinha uma única filha: Eulália. Ela era muito bonita, corajosa e cheia de vida.

O rei Evígio, preocupado com o futuro do reino, prometeu casar Eulália com um valente guerreiro, chamado Remismundo.

Esta decisão deixou Eulália muito triste.



– Meu pai, não podes obrigar-me a casar com alguém de quem eu não gosto! O príncipe Egica é o homem que eu amo.

Eulália sabia que o rei não a deixava casar com o príncipe Egica.

Eulália e o príncipe Egica vestiram-se de negro e fugiram durante a noite montados num cavalo.



Quando o rei descobriu a fuga, ficou furioso.

Mandou o seu exército procurar Eulália e o príncipe Egica.

A noite estava fria, com vento e chuva intensa.

Eulália estava assustada.

Egica, sossegou-a:

– Não te preocupes, minha querida Eulália. Estamos juntos no nosso amor, que tudo vencerá.



Vamos para um lugar seguro e distante, onde nunca nos encontrarão.

Chegaram ao Mosteiro Máximo, no cimo da serra Medúlio.

Era lá que vivia Frei Gondemaro, um amigo de Egica, que lhes ofereceu comida e dormida.

Na manhã seguinte, o dia nasceu cheio de sol.

Quando Eulália se aproximou da janela





viu um manto verde de campos cultivados, rebanhos de ovelhas, e riachos de água transparente.

Por todo o lado, as borboletas dançavam ao som do canto dos pássaros.

Encantada com aquela paisagem, Eulália perguntou:

– Quem cultiva esta serra, irmão Gondemaro?

São os nossos monges que, todos os dias, de sol a sol cultivam a terra.

Eulália sorriu e disse:



– Serra de Agro. Este, deve ser o nome desta terra agrícola. É nesta serra abençoada que eu quero casar com o Egica. O frei fez a vontade à princesa e, antes do casal partir para um novo reino, Gondemaro casou Eulália e Egica. Alguns meses depois, Eulália estava à janela, quando viu



aproximar-se do castelo o velho monge Gondemaro.

– Trago-vos boas notícias, meus amigos. O rei Evígio tem muitas saudades de Eulália e está disposto a perdoar-vos, se lhe derem um neto.

Eulália e Egica ficaram muito contentes.

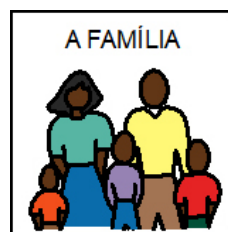
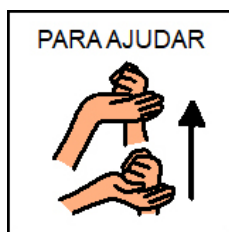
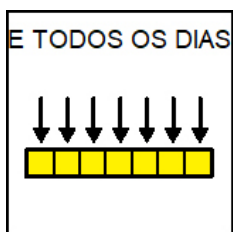
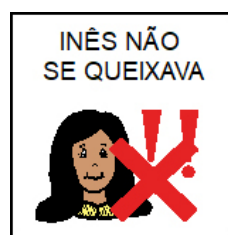
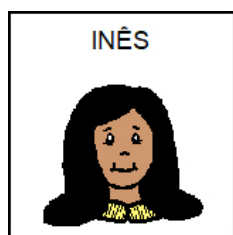
Passou um ano Eulália e Egica regressaram ao palácio, cumprindo o desejo do rei Evígio. Pelo caminho, fizeram questão de voltar à serra



onde tinham casado, para mostrarem ao seu filho aquele lugar tão bonito. A serra mantinha a sua magia e encanto. O povo deu o nome à serra, que Eulália lhe tinha dado, Serra d'Arga!



INÊS NEGRA
MELGAÇO



Há muitos anos, vivia em Melgaço uma jovem, chamada Inês. A família de Inês era muito pobre e Inês tinha de trabalhar no campo desde o nascer ao pôr do sol. Inês não se queixava e todos os dias esforçava-se para ajudar a família.



Magra, de rosto moreno e cabelos negros e compridos, era conhecida como “Inês Negra”.

Há muitos anos, as pessoas de Melgaço dividiram-se, quando os castelhanos invadiram Melgaço e ficaram com o castelo.

Nessa altura, a melhor amiga de Inês decidiu apoiar os castelhanos contra Portugal.



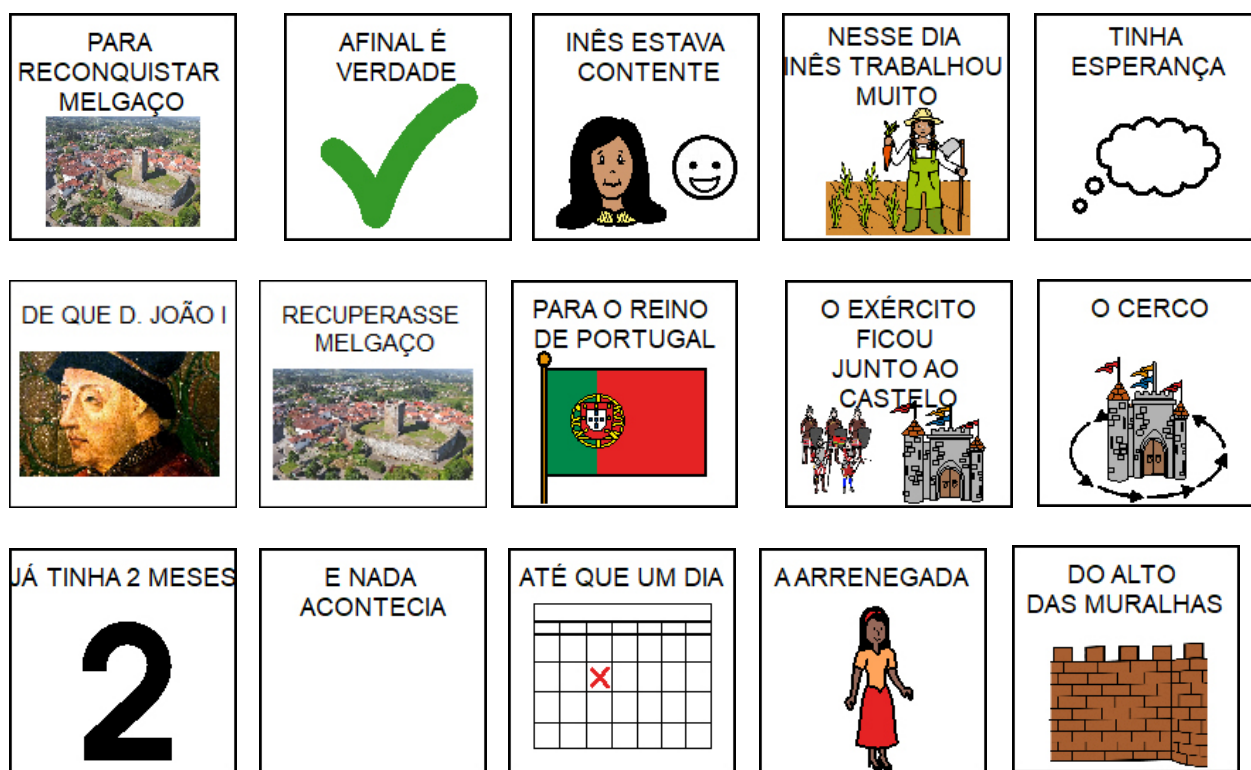
- Esta terra é nossa! Somos de Portugal e não de Castela! – dizia Inês.
 - Vamos ter uma vida melhor - dizia a amiga.
 - Não posso acreditar que vais trair o teu povo.
- A amiga da Inês foi viver com a família para o interior das muralhas do castelo.
As duas nunca mais se falaram.



Inês ficou a viver fora das muralhas e ficou zangada com a amiga a quem passou a chamar “Arrenegada”.

Certo dia, já no fim do inverno, Inês ia para o campo, quando avistou, o exército português.

Inês tinha ouvido dizer que o rei D. João I estava a caminho de Melgaço, com as suas tropas,



para reconquistar Melgaço.

– Afinal é verdade! – Inês estava muito contente.

Nesse dia, Inês trabalhou muito.

Tinha esperança de que D. João I recuperasse Melgaço para o reino de Portugal.

O exército ficou junto ao castelo. O cerco já tinha dois meses e nada acontecia...

Até que um dia, a Arrenegada, do alto das muralhas,

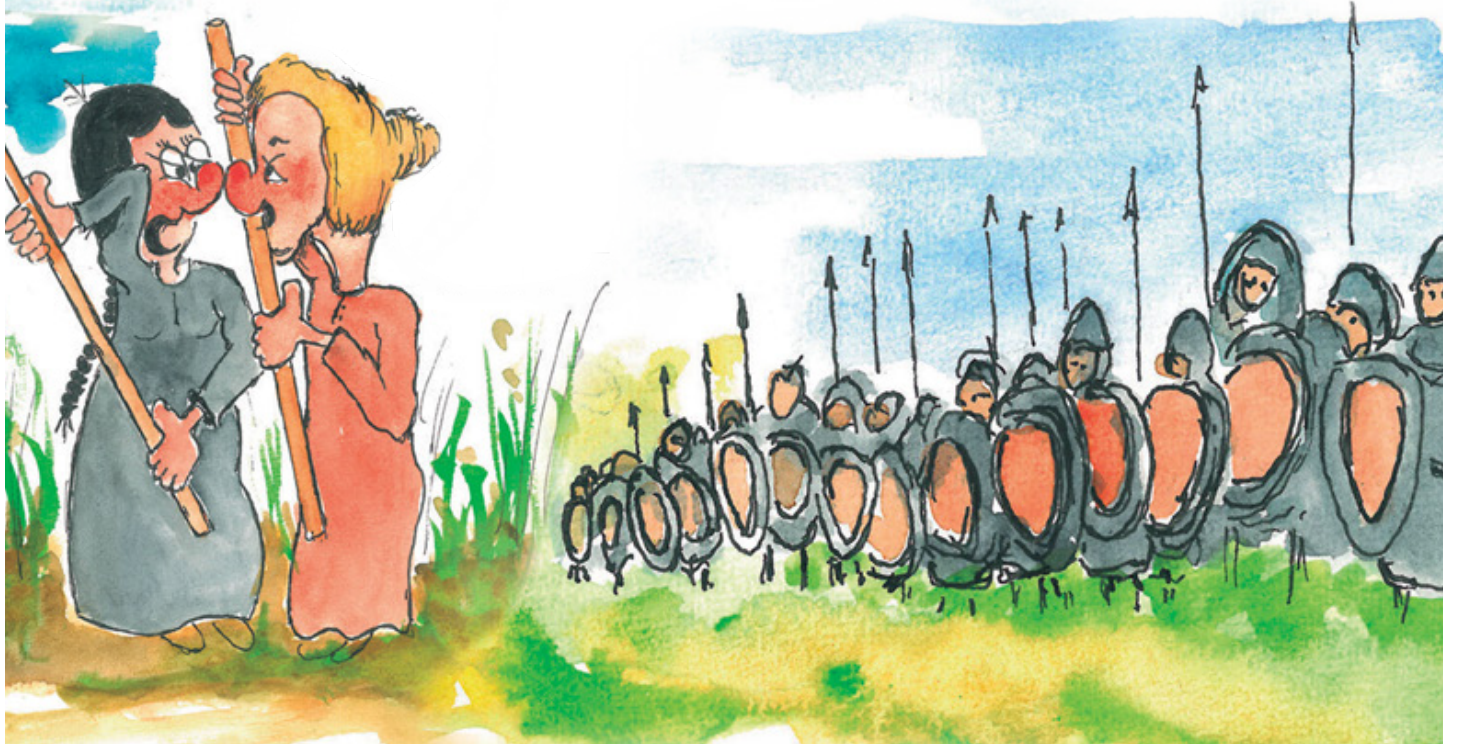


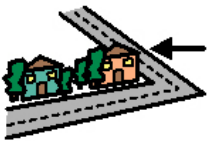

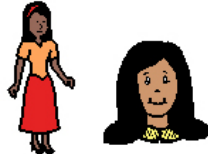



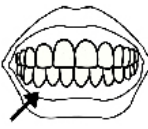
avistou Inês no arraial e desafiou-a:

– Inês, desafio-te para um combate! Aquela que vencer decidirá o fim desta guerra!

Cheia de coragem, Inês disse:

– Em nome de Portugal e do meu povo, lutarei, sem qualquer medo!



<p>O DUELO</p> 	<p>FICOU MARCADO</p> 	<p>DOMINGO</p> <table border="1"> <tr> <td>S</td> <td>M</td> <td>T</td> <td>W</td> <td>Th</td> <td>F</td> <td>S</td> </tr> <tr> <td>■</td> <td></td> <td></td> <td></td> <td></td> <td></td> <td></td> </tr> <tr> <td>■</td> <td></td> <td></td> <td></td> <td></td> <td></td> <td></td> </tr> <tr> <td>■</td> <td></td> <td></td> <td></td> <td></td> <td></td> <td></td> </tr> </table>	S	M	T	W	Th	F	S	■							■							■							<p>3 DE MARÇO</p> <p>3</p>	<p>1388</p> <p>1388</p>
S	M	T	W	Th	F	S																										
■																																
■																																
■																																
<p>AS RUAS</p> 	<p>ENCHERAM-SE DE GENTE</p> 	<p>PARA ASSISTIR</p> 	<p>AO COMBATE</p> 	<p>ENTRE AS DUAS MULHERES</p> 																												
<p>INÊS NEGRA E ARRENEGADA</p> 	<p>ENVOLEM-SE NUMA LUTA DE CABELOS</p> 	<p>UNHAS</p> 	<p>E DENTES</p> 																													

O duelo ficou marcado para o domingo, 3 de março de 1388. As ruas encheram-se de gente para assistir ao combate entre as duas mulheres. Inês Negra e a Arrenegada envolveram-se numa luta de cabelos, unhas e dentes.



Murros e arranhões, pontapés e cuspidelas, tudo valia.

Do lado de fora, ouviam-se assobios e apoios a ambas as partes:

– Uuhhhhhh!

– Força, Inês!

– Vai-te embora, oh Negra!

A certa altura, no meio da poeirada, a Arrenegada fugiu



em direção ao castelo.

Inês ganhou a luta.

A multidão aplaudiu e levou Inês Negra, em braços, até junto do rei.

D. João I disse:

– Estou contente com o que vi. Quero recompensar-te por esta vitória.

– A minha recompensa já a tenho, meu Senhor! Melgaço voltou a nós! É do reino de Portugal! Fi-lo por amor à minha pátria e às minhas gentes!



Em memória desta vitória, foi colocada uma estátua de Inês na entrada da fortaleza de Melgaço e o seu nome foi dado a uma rua junto do castelo.

Os castelhanos, deixaram Melgaço no dia seguinte ao combate e nunca mais regressaram!!!



D. MARIANA DE LENCASTRE
MONÇÃO



Estávamos no ano de 1643.

D. Mariana de Lencastre andava muito atarefada a preparar a festa de D. João Rodrigues Vasconcelos, o seu marido.

D. João Rodrigues Vasconcelos foi um grande cavaleiro português.

O rei D. João IV pediu ao cavaleiro para tomar conta de Monção.



O dia da festa chegou e tudo estava a correr bem.

Mas o capitão de armas, Pedro Bettencourt, chegou com uma notícia muito grave.

Os castelhanos preparavam-se para atacar Portugal.

D. João Rodrigues Vasconcelos ficou preocupado.

Mandou imediatamente Pedro Bettencourt ver o que se passava.

D. João Rodrigues Vasconcelos ficou junto ao rio Minho



a aguardar notícias.

Pedro Bettencourt, chegou e disse: - A nossa nação precisa de ajuda!

D. João Rodrigues Vasconcelos partiu de imediato com os seus homens.

D. João Rodrigues Vasconcelos beijou a sua mulher e disse-lhe:

– Se daqui a três dias, eu não regressar ou enviar notícias é porque perdi a batalha.



Os olhos de Mariana de Lencastre encheram-se de lágrimas.

Passaram três dias e três noites e não chegaram notícias de D. João Rodrigues Vasconcelos.

D. Mariana estava preocupada e não sabia o que fazer.

Deu voltas e mais voltas pelo palácio, até que avistou, ao fundo, um grupo de cavaleiros, cansados. O seu marido vinha à frente.

Quando se preparava para ir ter com o seu marido,



D. Mariana de Lencastre viu os cavaleiros portugueses serem surpreendidos por um exército de espanhóis.

Os espanhóis saíram, de trás das silvas e choupos, eram muitos.

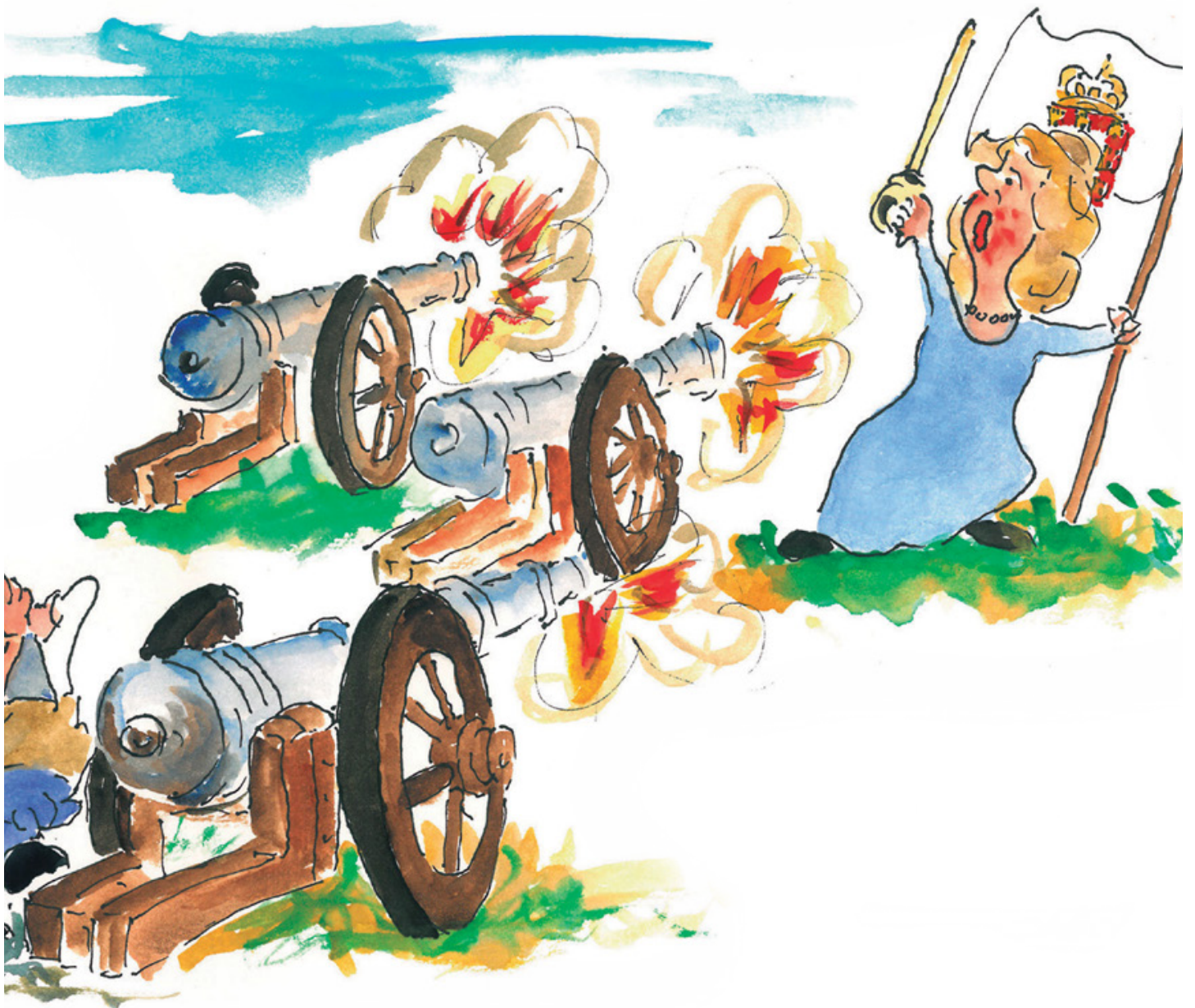
– A batalha está perdida! - pensou ela, vendo os espanhóis.

Sem homens no palácio, D. Mariana chamou as mulheres e pediu que lhe trouxessem as munições



que estavam na praça de Monção.

Com os canhões apontados, ela deu início aos disparos, não foram precisos muitos disparos para que o combate acabasse com a vitória dos Portugueses. Em Monção, na praça, o povo juntou-se a D. João Rodrigues Vasconcelos, que estava muito orgulhoso da sua mulher e, todos juntos, festejaram até ao anoitecer.





D. Mariana de Lencastre ficou conhecida pela sua valentia.
Graças a ela, os espanhóis fugiram de Monção e nunca mais voltaram...!



OS COMBATENTES DA TRAVANCA
PAREDES DE COURA



No verão de 1662, os espanhóis invadiram o Minho.
 Chegaram a Paredes de Coura no final do dia 9 de agosto.
 Estava a anoitecer, os soldados estavam cansados e decidiram acampar em Paredes de Coura.



A meio da noite, o soldado que estava a guardar o acampamento começou a gritar.
O comandante aproximou-se e perguntou:

– O que se passa?

– Não gosto nada do que estou a ver lá ao fundo.

O comandante subiu para um ponto mais alto para ver melhor e ficou preocupado.



Milhares de soldados portugueses formavam longas filas.

– Como é possível haver tantos homens nesta região? – disse o comandante. Começou a andar de um lado para outro e a pensar como podia combater tantos soldados. Mas não teve nenhuma ideia.

Quando o sol nasceu, os portugueses partiram para a luta.

Ao chegarem gritaram





o nome de Portugal e os espanhóis fugiram.

Os soldados portugueses não entendiam porque fugiram os espanhóis.

Até que chegou um pastor junto do exército e explicou o mistério:

A meio da noite, apareceram manadas e manadas de vacas com as hastes iluminadas.

– Estás louco pastor! – perguntou um dos soldados.

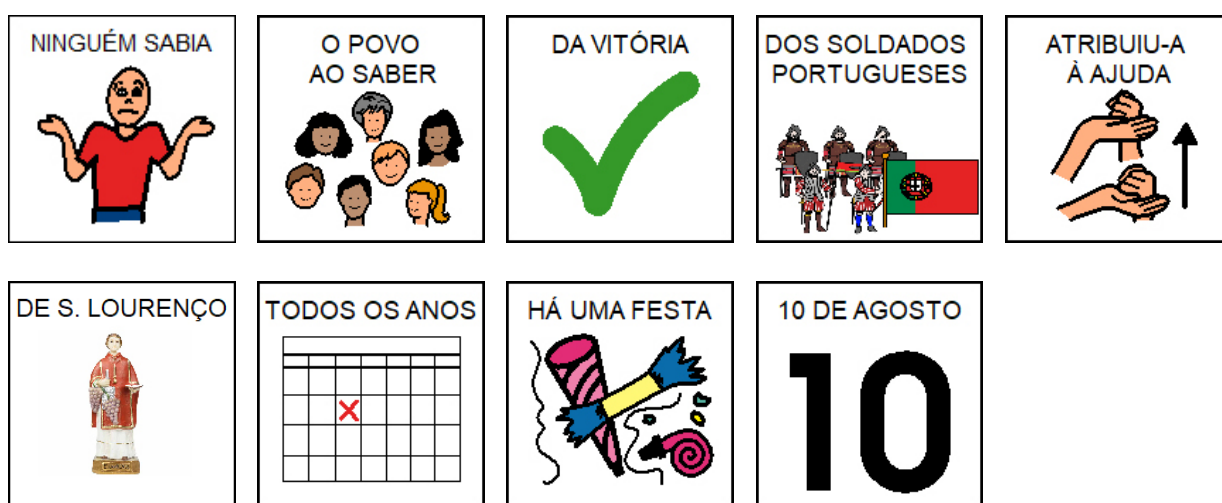


– É verdade! – disse o pastor

Os espanhóis estavam longe, não conseguiram distinguir as vacas dos homens e pensaram que se tratava de um exército.

Os soldados riram à gargalhada, um deles perguntou:

– Mas quem é que teve a ideia de iluminar as hastes das vacas?



Ninguém sabia.

O povo ao saber da vitória dos soldados portugueses atribuiu-a à ajuda de S. Lourenço.

Todos os anos há uma festa no dia 10 de agosto em honra de S. Lourenço.



A PEGADINHA DA SENHORA
PONTE DE LIMA



Era uma vez uma pastora muito pobre, que vivia numa casa fria e pequena. Trabalhava de sol a sol para ajudar a mãe e os seus três irmãos. Num dia de março, a pastora acordou cedo e, antes de sair com as suas ovelhas, foi procurar um pão na arca para comer.

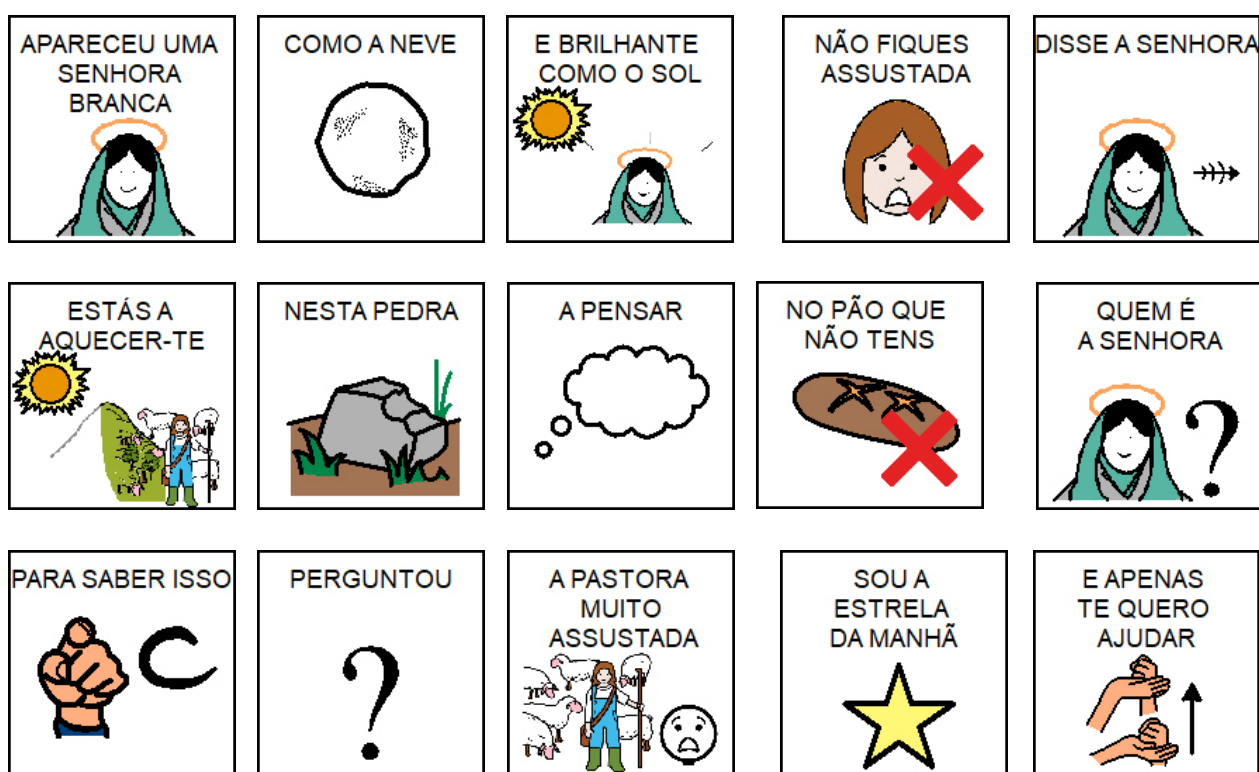


– Não há pão, minha filha! Comemos o último ontem à noite - disse a mãe.

– Não se preocupe, mãe. Eu cá me arranjo!

E saiu a sorrir com o seu rebanho até ao cimo da encosta.

No alto da montanha, enquanto se aquecia ao sol, a pastora viu uma luz forte a aproximar-se.



Apareceu uma Senhora branca como a neve e brilhante como o sol.

– Não tenhas medo - disse a Senhora.

– Estás a aquecer-te nesta pedra e a pensar no pão que não tens...

– Quem é a Senhora para saber isso? -perguntou a pastora, muito assustada.

– Eu sou a Estrela da Manhã e apenas te quero ajudar.



– Vai a casa e abre a arca. Lá encontrarás o ouro dos pobres. Pega e come!
A pastora disse que não deixava as ovelhas sozinhas.

Senhora acalmou-a:

– Não te preocupes. Eu fico a tomar conta das ovelhas. Agora, vai, vai..., vai!

A pastora correu pelos campos.

Quando chegou a casa, a pastora contou à sua mãe o encontro com a Estrela da Manhã.



Abriu a arca e ficou espantada, estava cheia de pão.

Espantadas, a pastora e a mãe choraram de alegria.

A pastora regressou a correr para agradecer à Senhora, mas, quando lá chegou, só encontrou as ovelhas a descansar.

Olhou em volta e não viu nada.





No penedo estava gravado um pé delicado. A Senhora tinha deixado a sua marca.

A pastora sorriu, olhou para o céu e gritou:

– Obrigada! Muito obrigada, minha Senhora!

Desde esse dia, nunca mais faltou o pão na casa da pastora.

O milagre depressa correu pela aldeia e, para o recordar, foi erguida uma capela no cimo da encosta, em honra da Senhora da Pegadinha, que é o mesmo que dizer à Estrela da Manhã.



RIO LIMA
PONTE DE LIMA



Esta história passou-se há muito tempo, nas margens do rio Lima.

O Marco, conhecia muito bem o rio, todos os dias passeava as suas ovelhas pelas terras do Lima.

Enquanto as suas ovelhas comiam, Marco dava grandes passeios nas margens do rio e dormia junto das árvores.

Um dia, Marco acordou



com o barulho de um exército de homens.

Marco assustado, escondeu-se atrás de uma árvore e ficou a ver o exército.

O exército era composto por tropas romanas.

O exército vinha do Sul a conquistar as terras e a combater as populações.

Marco lembrou-se que o seu pai tinha dito que o exército estava no rio Douro.



Os homens pararam e ficaram a admirar a beleza do rio.
 Nenhum homem falou, acreditavam que estavam junto do rio Lethes.
 O rio Lethes ou rio do Esquecimento.
 Segundo a lenda, o rio Lethes provocava o esquecimento àqueles que o
 atravessassem. Esqueciam-se do nome, do país,



dos amigos e familiares!

Os homens recusaram-se a atravessar o rio, porque acreditaram que aquele era o rio Lethes.

Chegou o comandante, e perguntou:

– Do que estão à espera? Atravessem o rio já!

Ninguém se mexeu, os soldados continuaram, parados, a olhar para as águas límpidas do rio. O comandante decidiu avançar sozinho



sozinho para o meio do rio com a espada e o escudo na mão.

O Marco, continuava escondido atrás da árvore.

Entrou devagar, mas quando percebeu que não se tinha esquecido de nada desatou a correr para a outra margem.

Quando já se encontrava em terra, o comandante começou a chamar os soldados:

– Albino, Emílio, Pompeu, Lúcio...disse o nome de todos





todos para provar que não se tinha esquecido.

Os soldados atravessaram o rio Lima.

Os soldados não perderam a memória, e nunca mais se esqueceram da beleza do rio!

Marco, correu para casa para contar a novidade ao pai!



A PORTA DO SOL
VALENÇA



Há muito tempo, vivia em Valença, na altura chamada de “Contrasta”, um velho rei com as suas duas filhas.

As princesas eram muito bonitas, a mais velha era tão bonita, que foi batizada com o nome da terra: Contrasta.

Contrasta era bonita e culta.

Todos os dias atravessava as ruas estreitas, e caminhava até junto de uma árvore,



onde ficava a ler.

Num dia frio de inverno, apareceu no castelo um cavaleiro mouro, para conhecer a princesa Contrasta.

Quando viu Contrasta, o jovem ficou admirado com a sua beleza.

Contrasta tinha os cabelos soltos, um olhar meigo e os olhos brilhantes como o sol.

– Afinal é verdade! – disse ao vê-la.

A partir desse momento,



o cavaleiro pretendia casar com a Contrasta.

O rei não autorizou o casamento.

O cavaleiro reuniu um grupo de homens e formou um exército e começou uma batalha com o rei.

A batalha durou muitos meses.

Um dia o rei, cansado de tanto sofrimento, fugiu e escondeu-se no jardim.

Com o passar dos dias, sem poder comer nem beber,



o rei morreu.

Sobre o seu corpo caíram todas as flores e folhas do jardim.

As pétalas das flores transformaram-se em pedras e formaram uma muralha à volta do castelo.

– Onde estás, meu pai?... Meu pai!.. - gritava a princesa mais nova à procura do rei. O cavaleiro surgiu e matou a princesa junto à entrada da muralha.



O povo ficou muito triste com a morte da princesa.

Os pássaros cantavam à sua volta e diziam:

– Tu serás a Rainha do Sol!

Nesse momento, o sol, começou a brilhar e os seus raios espalharam-se sobre o corpo da princesa, que se transformou num belo portal.

O portal a que todos chamam de “Portas do Sol”.

Ao ouvir os gritos da irmã, Contrasta correu





para a ajudar, mas chegou tarde demais!...

Triste com o que tinha acontecido à sua irmã, Contrasta fugiu para junto da árvore onde passava os dias a ler.

O cavaleiro perseguiu-a e quando a apanhou deu-lhe um golpe com a sua espada. A princesa não resistiu e acabou por morrer.

A árvore chorou de tristeza,



todas as folhas da árvore caíram sobre o corpo de Contrasta.

A árvore repetia:

– “Serás coroada..., serás coroada, tu que foste uma princesa valente e bondosa!”

Junto das “Portas do Sol” apareceu uma coroa, para homenagear a coragem da princesa Contrasta!

O povo estava muito triste!

Quando o cavaleiro se preparava para fugir, surgiu uma tempestade.



O vento forte arrastou-o e atirou-o para o fundo do vale.
Ao cair do rochedo, o cavaleiro transformou-se num rio - o rio a que chamamos de “Minho”.



VIANA
VIANA DO CASTELO



Era uma vez uma rapariga muito bonita.

Chamava-se Ana e vivia numa casa simples na margem direita do rio Lima, junto à foz, numa terra chamada Átrio.

Ana era filha de um pescador e de uma peixeira. (mulher que vende peixe)

Todos os dias levantava-se muito cedo para ajudar a mãe.



Todos sabiam quando a Ana chegava à praia, pela sua alegria e boa disposição. Ana andava pelas ruas do Átrio a cantar e a conversar com quem se cruzava.

– Bom dia, Sr. João!

– Olá, Ana, muito bom dia!

– Bom dia, Dinis! Bom dia, Maria!

Todos gostavam da Ana.

Ana tinha olhos claros e cabelos loiros.



Quando o pai chegava da pesca, Ana corria curiosa para ver o que ele tinha pescado.

– Viva, meu pai!! Hoje temos sardinha fresquinha, carapau, faneca e congro – gritava Ana!

Os comerciantes que desciam o rio, vindos de outras terras, achavam graça à Ana e compravam o peixe que ela apregoava.

Quando não tinha peixe para vender, Ana ficava a ver o mar e a imaginar



o que existia lá longe. Seriam sereias? Príncipes encantados? Ou dragões malvados?

Num dia de primavera, um jovem barqueiro atravessou o rio Lima, quando ouviu uma voz doce vinda dos lados do Átrio.

De imediato atracou o barco e foi procurar aquela voz.

O barqueiro encontrou Ana e ficou encantado com a sua beleza.

O barqueiro ficou apaixonado pela Ana.



No regresso a casa, o barqueiro com os olhos a brilhar contou aos seus amigos que tinha encontrado “o amor da sua vida”.

Desde essa altura que o barqueiro ia a Átrio, para ver Ana.

Quando regressava a casa estava tão contente que estava sempre a dizer:

– Vi Ana! Vi Ana!

No outono Ana ficou doente.

O barqueiro procurou Ana no Átrio,





mas não a encontrou.

O barqueiro regressou para casa muito triste.

Durante uma semana, o barqueiro viajou todos os dias para Átrio, à procura de Ana.

O barqueiro estava muito triste, até que, um dia, ouviu Ana a cantar.

O barqueiro correu ao encontro de Ana e declarou o seu amor por ela.

A Ana ficou muito feliz



e foi passear com o barqueiro.

Passaram horas e horas a conversar.

Ana pegou na mão do barqueiro e correram juntos até ao cimo da montanha.

No cimo da montanha Ana mostrou a beleza da sua terra ao barqueiro.

Passado algum tempo, Ana e o barqueiro casaram-se.

À saída da igreja, no dia do casamento, todos gritavam "Vi Ana! Vi Ana!"



A partir desse dia, sempre que os pescadores, regressavam da pesca, e avistavam o Átrio, diziam com alegria:

“Vi Ana! Vi Ana!”.

Esta história de amor ficou famosa por todo o reino e em 1258, o rei D. Afonso III ordenou a substituição do nome Átrio pelo de Viana.



CERVO REI
VILA NOVA DE CERVEIRA



Conta-se que, um dia, um grupo de cervos andava a fugir dos caçadores. Ao chegarem ao cimo de um monte, no Alto Minho, ficaram parados com a beleza do lugar.

Os cervos andavam assustados, com medo dos homens e ali estavam em segurança.

– Este é o sítio ideal para ficarmos! – gritou o chefe do grupo, o Cervo Rei.



O Cervo Rei não tinha medo de nada, nem de ninguém, era o mais forte de todos os cervos.

Na manhã seguinte, o Cervo Rei levantou-se cedo e foi andar pelas terras, para ver se estava livre de caçadores.

Depois chamou os outros cervos:

– Venham, vamos pastar!



Os Cervos foram procurar comida nos montes e vales.

Os cervos estavam cheios de fome, pois há já alguns dias que andavam a fugir dos caçadores e não conseguiam comer.

Os anos foram passando e os cervos ficaram a viver naquelas terras.

Um dia, o Cervo Rei chamou os cervos para o cimo do monte mais alto.

Com todos reunidos, disse:



– Meus amigos, chamei-vos aqui para vos dizer que vamos criar aqui o nosso reino. Vamos lutar para que este monte seja só nosso.

–Viva o Rei dos Cervos!

A mensagem de que existia uma terra onde os cervos mandavam, foi notícia por todo o lado.

O Cervo Rei e os outros cervos lutaram contra celtas, romanos e mouros.

Os homens tentavam conquistar aquelas terras,



mas o Cervo Rei, venceu todas as batalhas.

Aos poucos, foi perdendo os outros cervos, até que um dia ficou sozinho.

Certa manhã, chegou um pássaro com uma mensagem, um cavaleiro português desafiava o Cervo Rei para uma luta.

– Estás tramado, Cervo Rei! - dizia o pássaro.

– Vais ser derrotado!





O Cervo Rei espreguiçou-se e respondeu ao pássaro, que estava pendurado num ramo:

– Se pensas que alguém me vai derrotar, estás muito enganado. Vai lá, pássaro tagarela, e diz a esse cavaleiro que estou à espera dele.

O pássaro foi levar o recado, mas, pelo caminho, espalhou por toda a floresta que o Cervo Rei tinha sido desafiado para um combate brutal.



Chegou o dia da luta.

Instalou-se na floresta uma grande confusão, os animais distribuíram-se para assistirem à luta.

O combate foi duro, até que, ao longe, se viu o Cervo Rei a erguer-se.

O Cervo Rei ganhou o combate.

O Cervo Rei correu até ao cimo do monte e colocou a bandeira que tinha tirado ao fidalgo.



Desde esse dia, nenhum homem ou animal se atreveu a aparecer na Terra da Cervaria.

O tempo passou e o Cervo Rei foi ficando velho e cansado.

Um dia, foi encontrado sem vida, no meio da floresta.

Em sua homenagem, o brasão de Vila Nova de Cerveira tem representado um cervo, que segura, entre as hastes, o escudo com as cinco quinas de Portugal. No Alto do Crasto, podemos ver o Cervo representado numa escultura.

